

19 * CLUBECOJUFO * SET 2015

Clube de Colecionadores de Juiz de Fora

Fundação: 31 de Maio de 1998

Caixa Postal 391 CEP: 36.001-970 Juiz de Fora – MG

clubecojufo@yahoo.com.br www.clubecojufo.blogspot.com.br

FACEBOOK: cojufojf

DIVULGAÇÃO

EXPOSIÇÃO PERMANENTE / CORREIOS

O clube expõe, permanentemente, coleções temáticas de postais na Agência Filatélica dos Correios. A mostra pode ser vista de segunda a sexta, das 09h:00 às 17h:30, na rua Oscar Vidal 151, centro. Colecionadores que quiserem expor cartões-postais, selos ou cartões telefônicos podem entrar em contato com o clube. Algumas fotos do local:







O 7º Encontro Tradicional de Colecionadores de Juiz de Fora teve, entre os expositores, a presença do RAMAL FERROVIÁRIO, o departamento do Clube para pessoas que colecionam, pesquisam, leem, filmam, desenham, divulgam e conversam sobre trens e todo o imenso e importantíssimo universo da FERROVIA. Este departamento estará presente em todas as edições de exposição do clube no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas. Fica aqui o convite para todos os maquinistas, auxiliares, engenheiros, pessoal de manutenção e da segurança ferroviária, colecionadores, ferreomodelistas, passageiros e fãs do tema relacionado com o CAVALO DE FERRO. Será um prazer recebê-los, ouvi-los e podermos conversar prazerosamente num interesse comum. Os integrantes do RAMAL FERROVIÁRIO tiveram uma dia agradabilíssimo, pois pudemos usufruir de uma conversa interessantíssima, que durou horas, com o engenheiro Manoel Monachesi que, com tanta experiência e conhecimento sobre ferrovia, falou de maneira vívida, fazendo com que suas palavras produzissem perfeitas imagens em nossas mentes. A satisfação continuou ao termos a visita de um jovem que desenha trens e, ao bater fotos do material exposto, deixou escapar a exclamação: “Estou no paraíso!” Imaginem nossa alegria ao ouvirmos isso. Ainda tivemos contato com um senhor que se sentou para ler algumas passagens de livros. O que ele disse ao sair? “Estarei aqui no próximo encontro.” Aguardamos a oportunidade de rever esses entusiastas e conhecermos novos. O pessoal de outras cidades e estados podem nos contatar pelos endereços do Clube ou pelo nosso e-mail: linha2ccjf@yahoo.com.br Algumas fotos do Ramal para quem não foi:



Da esquerda para a direita, três integrantes do Clube de Colecionadores de Juiz de Fora:

Antônio Viola (diretor cultural), Luís Carlos Monteiro (filatelista), Solange Barcellos (presidente do clube).



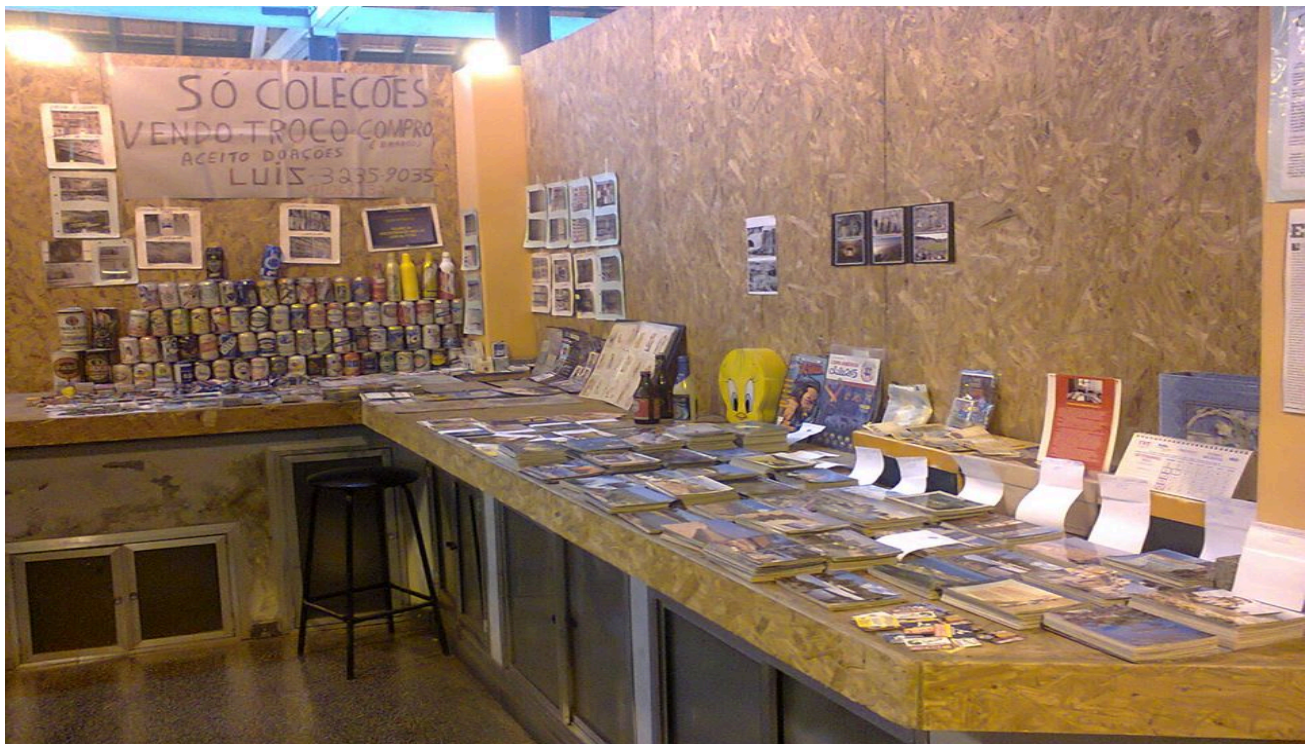
Uma realidade: o Clube de Colecionadores de Juiz de Fora já estabeleceu o encontro tradicional de colecionadores na cidade, que acontece mensalmente no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas. No encontro aparecem colecionadores da cidade e de fora, pessoas que gostam do tema colecionismo e público em geral. A frequência de público nestes encontros já soma mais de 400 pessoas, pois muitos entram, conversam e, distraídos, saem sem registrar a presença. Registradas, em nosso livro de presença, estão 364 assinaturas. O encontro é uma atividade cultural da cidade que nasceu da experiência da Sociedade Filatélica de Juiz de Fora e do planejamento do Clube de Colecionadores de Juiz de Fora. A diretoria do clube cumpre seu papel ao proporcionar um evento para que colecionadores divulguem suas coleções, ampliando o intercâmbio cultural. O 8º Encontro acontecerá no terceiro sábado de outubro, 17/10/2015, das 10h00 às 16h00, no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, na Avenida Getúlio Vargas, 200

Algumas fotos:







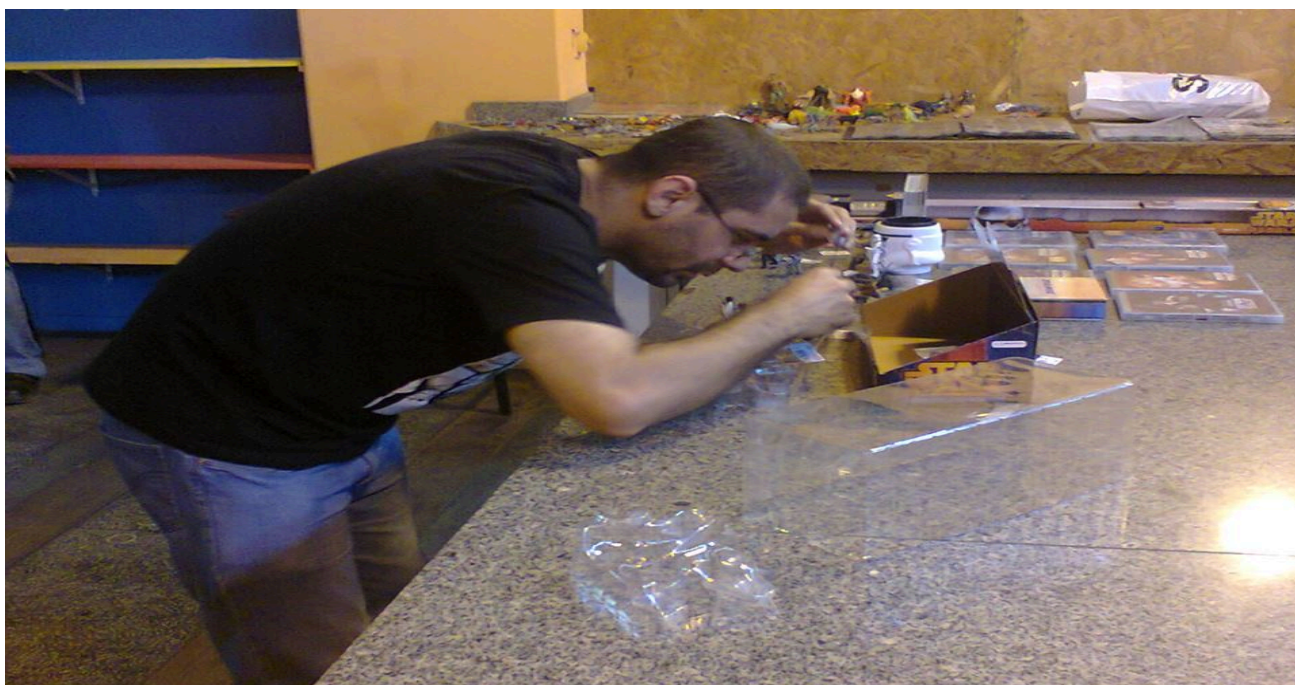












30

**ENCONTRO
DE COLECCIONADORES
TOCANTINS**



**12 DE SETEMBRO
09:00h
Rotary Clube**

ENTRADA FRANCA

APOIO:
**AUTO ESCOLA
TOCANTINS**



O Clube de Colecionadores de Juiz de Fora esteve presente no 3º Encontro de Colecionadores de Tocantins – MG, expandindo assim, sua atuação nos eventos de colecionadores. O clube levou colecionadores sócios e não sócios que formaram um grupo coeso, animado e muito participativo. Nossa presença valorizou o esforço do organizador do evento, Jeanderry Marques Abrantes, que carinhosamente nos recebeu. Vejam quem expôs: (ordem alfabética)

Antônio Viola (Clubecojufo): carrinhos Maisto.

Eduardo Abib (Clubecojufo): cédulas, moedas, cartões telefônicos.

Eduardo Abreu (Clubecojufo): dioramas de oficina mecânica e postos de gasolina.

Evandro Tozzi: moedas, cédulas, selos.

Fábio de Oliveira (Clubecojufo): moedas, cédulas, gibis antigos, selos, chaveiros, cartões telefônicos.

Jeanderry Marques Abrantes: moedas, cédulas, álbuns de figurinhas, selos, bolachas de chopp, carrinhos, peças de super-heróis.

Kaian Reis Nunes: carrinhos, garrafas de cerveja(lata), cédulas, coleção Neymar (livro, revista, figurinhas, camisas), álbuns de figurinhas.

Luiz Borelli (Clubecojufo): maços de cigarro, canetas, chaveiros, garrafas de cerveja(lata), postais, cartões de visita, ímãs de geladeira, cartões telefônicos, moedas, álbuns de figurinhas.

Maurício Sampaio (Clubecojufo): coleção Harry Potter (filmes, réplicas, livros e miniaturas).

Solange Barcellos (Clubecojufo): postais.

Tiago de Oliveira: carrinhos, motos e aviões.

Waltencir Costa (Clubecojufo): postais.

Abaixo, algumas fotos do evento:























COLECIONISMO

O valor estampado em uma cédula, por exemplo, 2 reais, ou estampado em uma moeda, 50 centavos, não corresponde exatamente ao custo de sua produção. Se as pessoas refletissem que para fazer dinheiro custa dinheiro, manuseariam as notas e moedas com mais cuidado. Independente disso, considerando a origem, finalidade, material, época e outros fatores, o dinheiro pode valer milhões. Uma moeda de 50 centavos de real hoje, vale 50 centavos, mas daqui a trezentos anos, quando se tornar uma raridade, quanto valerá? Só o tempo dirá. Vejam agora a que valores chegaram certas moedas, valores inimagináveis quando de sua fabricação.

MILHÃO CANADENSE



Valor: US\$ 4milhões (R\$ 16milhões)

Versão comemorativa com 99,999% de ouro puro.

Pesa 100 Kg.

Tem o busto da rainha Elizabeth II e folhas de bordo, símbolo do Canadá.

FLORIM DE EDUARDO III



Valor: US\$ 6,8 milhões (R\$ 27 milhões e 200 mil)
Circulou na Inglaterra entre dezembro de 1343 e julho de 1344.

DOBRÃO DE BRASHER



Valor: US\$ 7,4 milhões (R\$ 29 milhões e 600 mil)
Cunhada em 1787
Ouro 22 quilates.

SAINT- GAUDENS DOBLE EAGLE



Valor: US\$ 7,6 milhões (R\$ 30 milhões e 400 mil)
Feita de ouro e equivalia a 20 dólares.
Foram produzidas somente 20 exemplares em 1933.
19 moedas foram derretidas, por ordem do presidente Franklin Roosevelt, para a Reserva Federal.

CABELOS AO VENTO



Valor: US\$ 10 milhões (R\$ 40 milhões)
Feita de prata e cobre.
Primeiro exemplar de dólar cunhado nos EUA.
Produzida em 1794.

A democracia do colecionismo é que uns gastam milhões e outros nada gastam; existem os que colecionam milhares de itens e outros, centenas; enquanto há pessoas que colecionam um tema, outras cuidam de dezenas; conhecemos os que pesquisam, estudam, garimpam, analisam detalhes e os que nada disso fazem. No entanto, todos se consideram “coleccionadores”. No fundo, todos “juntam” objetos; o que difere é o objetivo, envolvimento e modo de lidar com as coleções.

COLECIONADORES

Esta seção é sempre comentada pelos colecionadores, que aqui são homenageados, quando nos encontramos no Encontro Tradicional de Colecionadores de Juiz de Fora. O contentamento deste trabalho é duplo porque primeiro temos a satisfação expressada pelos sorrisos e palavras de cada um e, segundo, porque confirmamos que nossa homenagem, ao falarmos da pessoa do colecionador, é um destaque merecido a quem é a origem desse movimento. Agora, os nossos leitores saberão um pouco do muito que faz o nosso homenageado de setembro, Sr. Jeanderry Marques Abrantes. Variados são os motivos que levam uma pessoa a iniciar sua coleção e, no caso de Jeanderry, esse motivo veio de dentro da família, porque o que o levou a colecionar foi um presente do avô paterno. Ele começou a coleção com uma cédula de 1 cruzeiro de 1970. É dos colecionadores que organizam mais de um tema sendo que atualmente coleciona cédulas, moedas, miniaturas de carrinhos, bolachas de chopp, álbuns de figurinhas das seleções e miniaturas de vodka e whisky. Ele não sabe a quantidade exata que possui, contudo afirma que tem mais de 10.000 exemplares, que foram coletados em 26 anos de aquisição. A peça que ele mais investiu foi a cédula da baiana, pela qual deu algumas moedas de prata. Esse mesmo item, cédula da baiana, foi a resposta para duas outras perguntas que são: qual peça foi mais difícil de adquirir? (demorou, deu mais trabalho) e há algum exemplar da coleção que trouxe contentamento especial ao ser adquirido? Ao ser perguntado sobre os cuidados para preservar uma coleção, disse que cada coleção, dependendo de sua natureza, deve ser acondicionada em pastas, caixas, estantes e álbuns apropriados. Ele gostaria que os meios de comunicação apoiassem mais o movimento do colecionismo e que houvesse um programa de televisão. Sabemos que o ato de colecionar traz muitos valores formativos que são fortemente adquiridos devido à prática. No caso de Jeanderry, em seus 26 anos de “busca e apreensão”, ele desenvolveu os valores de zelo, paciência, organização, atenção, amizade e cultura, ressaltando “aprendizado acima de tudo”. A sua definição de colecionismo é: “A arte de manter viva a história da humanidade”. Nosso colecionador ainda não tem ideia para onde irão suas coleções quando não

puder mais cuidar delas, contudo afirma que, enquanto viver, irá mantê-las sempre perto dele. Ele acredita que contribui de maneira histórica, geográfica e social para a comunidade em que vive quando passa, através de exposições em escolas, cultura em suas peças e incentivo aos jovens que continuem a arte de colecionar. Ao que quer colecionar ou é iniciante num dos temas que ele desenvolve, aconselha a ser organizado, ler a literatura específica e fazer pesquisa relacionada ao tema. Para quem não conhece, divulgamos uma foto dele em sua participação no Encontro Nacional de Colecionadores de Juiz de Fora – ENACOL, edição 2015.



Os primeiros textos, que publicamos aqui, surgiram de agradáveis entrevistas presenciais programadas para 1 hora, mas que foram prolongadas por 3 a 4 horas de envolvente bate-papo. Infelizmente, devido a vários fatores, a

entrevista é feita à distância atualmente. Contudo, temos a certeza de que, pelo modo como nasceram as respostas, o prazer das lembranças, do encontro e dos sorrisos que seriam passados por Jeanderry pessoalmente, seria mais um momento inesquecível entre amigos, entre colecionadores que falam a mesma língua.

CONTATOS

O clube está cadastrando colecionadores para compor um banco de dados. Os interessados poderão entrar em contato através de nosso e-mail, sob a sigla “Diretoria Cultural”, enviando nome, contato e objetos colecionados. Havendo interesse em receber nosso informativo eletrônico, a solicitação poderá ser feita da mesma maneira. As informações recebidas serão divulgadas em nosso informativo eletrônico, respeitando a data de chegada e disponibilidade de espaço em cada edição. Abaixo, alguns registros:

Getúlio Farina.

getfarina@yahoo.com.br

Miniaturas de carros Matchbox, relógio de bolso, chaveiro, notas, moedas, bonés, canetas.

Igor Sell

igsellr@gmail.com

Revistas sobre aviação e esportes, selos de aviões.

Helder Mourão Vieira

heldr1@terra.com.br

Selos América UPAEP

Luís Otávio Pinheiro Lima

bandarqueus@gmail.com

Miniaturas de carros, selos, moedas e notas.

José Luiz Mauler Júnior

juninhotupi@hotmail.com

Álbuns de figurinhas.

REGISTROS CULTURAIS

História da Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora



A Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora foi fundada em 6 de agosto de 1854 pelo Barão da Bertioga, José Antônio da Silva Pinto, e por sua esposa, a Baronesa Maria José Miquelina da Silva. Sendo a terceira instituição mais

antiga de Juiz de Fora, só ficando atrás da fundação da Vila de Santo Antônio do Paraibuna, em 1850, e da instalação da Câmara Municipal, em 1853.

As obras do segundo prédio da Santa Casa foram concluídas em 2 de junho de 1898 sob a coordenação de Braz Bernardino, que havia assumido a Provedoria em 1897. No dia 11 de janeiro de 1898, chegaram à cidade as Irmãs de Santa Catarina contratadas por Braz Bernardino para a administração interna da Santa Casa.



Com os esforços de Braz Bernardino, do Dr. Hermenegildo Villaça e do Dr. Edgard Quinet, entre outros, o hospital desenvolveu-se, ampliou as suas acomodações, modernizou seus serviços, muniu-se de materiais e aparelhamento perfeitos, estendeu seu raio de atuação e colocou-se em situação de poder alargar seu programa de benefícios.

Em 1903, foi construído o jardim na frente do hospital, com planta fornecida pelo engenheiro João Lustosa. Em 1911, a Santa Casa contava com vários pavilhões e, neste ano, foi construída uma nova sala de operações.

Em 1913, foi construída mais uma enfermaria (atrás da Capela), pois o número de enfermos duplicara. Com o passar dos anos e a ampliação dos serviços, a construção de um novo edifício tornou-se inevitável.

Em julho de 1942, na gestão do Provedor Alberto Andrés, foram assinados os desenhos originais do atual prédio da Santa Casa, mas o lançamento da pedra fundamental só ocorreria em 28 de janeiro de 1948. A data foi escolhida por ser o dia de nascimento de João Nogueira Penido Filho, que doou grande parte de sua fortuna para a construção.

Se, no início do século XIX, a Santa Casa realizou 188 cirurgias, atualmente, o hospital realiza cerca de 18 mil cirurgias por ano. Não é à toa que, ao aliar tradição, filantropia, modernização permanente e qualidade no atendimento ao longo de sua trajetória, a Santa Casa tornou-se o maior hospital da Zona da Mata mineira.

Consciente de sua importância para a comunidade de Juiz de Fora, a Santa Casa considera a necessidade de preservação da memória da atividade médica e filantrópica do Hospital. Por isso, fez o inventário e catalogação do patrimônio histórico-artístico (móvel e imóvel) e dirige sua atenção para revitalização do museu, inaugurado em 11 de Agosto de 2006, conservando e valorizando o importante acervo de objetos que já não são utilizados de forma habitual.

O intuito é apresentar a todos um conhecimento de peças científicas clínicas, cirúrgicas, farmacológicas e odontológicas, e de como elas podem auxiliar o profissional não só da área de saúde, como nas demais áreas, para desenvolverem melhor a sua visão crítica, tanto na profissão como também na realização de tarefas diárias. Além disso, o museu desenvolve programas de promoção comunitária, apoiando a implantação de projetos voltados ao aprimoramento técnico-profissional de pessoas do grupo, alunos de escolas públicas, estudantes de enfermagem, acadêmicos da área de saúde, residentes entre outros integrantes e participantes do cotidiano do Hospital.

Com a prática da visitação, nosso objetivo é despertar interesse dos profissionais de saúde e outros segmentos pela valorização do trabalho, levando respeito ao nosso passado, conhecimento e compreensão da utilização de instrumentos e aparelhos através das gerações, trazendo a vivência e experiência de outros tempos.

Diante do que foi exposto, enfatizamos que além de incentivo à cultura, o resultado esperado é a interação total e irrestrita da Instituição Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora (SCMJF) com seus colaboradores, alunos e comunidade visando o aprendizado e preservação total do acervo existente devido à sua importância e utilidade para a comunidade hospitalar avançar em seu processo de evolução, transformando o museu em um verdadeiro laboratório de ensino, e resgatando, assim, a memória dos nossos antepassados, para então vivermos plenamente nosso presente.

Curiosidades do acervo

- Livro de Tratamento de Pneumonia Crônica: escrito em idioma francês (1860);
- Livro de Anatomia Patológica e Clínica do pulmão: escrito em idioma francês (1867);
- Livro de Cirurgia da Guerra Moderna: relato de vários médicos brasileiros que ocuparam os campos de batalha, demonstrando formas tratamento à pacientes feridos em período de guerra (1943);

- Tinteiro mata borrão com recipiente em Rubi: utilizado em 1889 pelo Barão da Bertioga, fundador da Santa Casa;
- Nossa Senhora do Carmo em Madeira: Datada do século XVIII, conhecida como Santa do Pau Oco;
- Máscara de Ombredonne: Utilizada para aplicar anestesia geral em pacientes até no início do século XX;
- Prescrições de pacientes internados na Santa Casa: entre os anos de 1915 e 1918.

Algumas fotos do museu:







Finalizando, uma imagem alegre do “Hospital amigo da criança”, da Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora.

